

1822 CENTENARIO DA INDEPENDENCIA 1922
GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA



**DECIMOS
VIGESIMOS
E
CENTESIMO**

AUXILIAE ESTA CRUZADA

PREMIOS MAIORES:

1 de	5.000:000\$000
1 de	1.000:000\$000
1 de	500:000\$000
1 de	200:000\$000
2 de	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

**OS PREMIOS SERÃO PAGOS PELA THESOURARIA DO
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO RIO DE JANEIRO
EXTRACÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1922
PELO SYSTEMA DE URNAS E ESFERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS**

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

Sociedade de Seguros sobre a Vida

Sede Social: Avenida Rio Branco, 125 - RIO DE JANEIRO

(Edifício de sua propriedade)

Relação das apólices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado:
64.º sorteio — 13 de Julho de 1922

112.368 Emilio Augusto Bercht.....	Porto Alegre - R. G. Sul.	95.831-Arturo Berni.....	São Paulo-São Paulo
93.398-J. Licio de Almeida Marques (1)	Maceió-Alagoas.	111.383-Raul Fleury Monteiro.....	" "
111.733-Annibal Anthero Martins.....	Viçosa-Espírito Santo	117.046-Domingos Angerami.....	Santos "
119.977-Vicente Ferreira da Ponte.....	Fortaleza-Ceará.	117.736-Fernando Rocha Brito.....	São Paulo "
120.769-Joaquim Simões Arraes.....	Picos-Piauí.	117.814-David William Allen.....	" "
101.113-Dr. Walfredo Guedes Pereira..	Paratyba do Norte.	118.417-Manoel Carneira Netto.....	" "
121.502-Lauro da Silva Rosado.....	São Salvador-Bahia.	117.873-Salomão de Souza.....	" "
112.112-Antonio Fernandes Dias (2)....	"	118.429-Ant. Cardoso de Souza Araujo.	" "
116.960-Mario Carneiro da Silva.....	Quissaman-E. Rio.	107.920-Delphino Fructuoso Rosinho..	Capital Federal.
119.075-Italo de Oliveira.....	Camp. s	96.010-Manoel Henrique de Almeida.	" "
101.558-Alfredo Osorio de Cerqueira..	Barreiros-Pernambuco.	121.557-Manoel Fernandes.....	" "
117.584-J. Franc.º de Mello Cavalcanti.	Pau d'Alho "	118.621-Joaquim Pereira Nunes.....	" "
103.307-Milton Marques de Mello.....	Recife "	17.772-Aurelio Gonçalves Post.	" "
108.782-Amílcar Alves de Souza.....	St. L. Carangola-Minas	115.941-Luiz Vicente de Affonseca....	" "
118.596-Vicente de Paula Oliveira (3)...	Uba "	121.389-João Felipe Pereira.....	" "
115.893-Victorio Marçolla.....	Bello Horizonte "	120.458-Henrique Pessagno (4).....	" "
		110.389-Ant. de Souza Vieira Junior..	" "

(1) João Licio de Almeida Marques. teve a apolice n. 93.399, sorteada em 15 de outubro de 1917.

(2) Antonio Fernandes Dias teve a sua apolice n. 90.453, sorteada em 15 de abril de 1918.

(3) Vicente de Paula Oliveira teve a apolice n. 118.597, premiada no sorteio de 15 de abril deste anno.

(4) Henrique Pessagno, no ultimo sorteio, realizado em 4 de abril, teve sorteada a apolice n. 120.325, tambem de sua propriedade.

NOTA — "A EQUITATIVA" tem sorteado até esta data, 1787 apólices, no valor de 7.596.590\$000, importancia paga em DINHEIRO aos respectivos segurados, continuando as mesmas apólices em vigor, com direito aos sorteios ulteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.

Rheumatismo... Syphilis...

Talvez tenha tomado todos os depurativos annunciados, sem resultado. De facto estes medicamentos contém sómente mercurio e iodureto de potassio — e isto não basta. E' indispensavel que estes dois ingredientes que tanto mal fazem ao organismo, possuam um outro elemento capaz de corrigir o estrago causado pelo mercurio e iodureto de potassio (este elemento é o arsenico base do 914 e que tantos milagres tem feito). O mercurio e iodureto de potassio produzem perturbações e muitas vezes lesões no estomago, bocca, nariz, ouvidos, cabeça e innumeras espinhas e manchas de pelle; no entanto se esses medicamentos fossem preparados segundo as ultimas descobertas scientificas, evitar-se-iam os estragos que os mesmos produzem.

Em geral os doentes que soffrem de rheumatismo, feridas, comichões, pannos no rosto, espinhas e outras molestias da pelle, só conseguem restabelecer-se tomando "AVARICURA" e isto pelo simples facto de ser a mais recente descoberta em que o arsenico produz os seus inegualaveis effeitos.

Não devemos descurar da belleza physica e para conseguirmos o supremo gráo de saude, felicidade e eugenismo, devemos tomar todos os annos, durante 30 dias (um mez de tratamento — ou sejam 6 vidros deste maravilhoso medicamento), um calix antes de cada refeição. Não tem dieta nem regimen especial.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

Pedidos a Rodolpho Hess & Cia. — Rua Sete de Setembro, n. 63 — Rio de Janeiro.

SARDAS - PANNOS - CRAVOS - ESPINHAS - MANCHAS
desapparecem com o uso do CRÊME ANTI-ECHIMOSIS "FARAL"

Producto brasileiro sul rio-grandense, com a dupla vantagem de servir como delicado auxiliar na applicação do pó de arroz.

À VENDA POR TODA PARTE

Depositarlos: ROBERTO FLOGNY & C.^{IA}
 Caixa Postal 2082 - RIO DE JANEIRO

Catador
"Progrebior"

Temos o catador "PROGREBIOR", combinado com esbrugador, machina de grande vantagem para o perfeito beneficio do café. Temos tambem o separador "SINGELO".

Peçam catalogo illustrado a

Martins Barros & Cia. Ltda.

End. Teleg.: "PROGREBIOR"

CAIXA, 6

S. PAULO

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de todas as enfermidades provenientes das impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS

Unico especifico adoptado nos hospitaes do Exercito e da Marinha depois de OFFICIALMENTE, estudado e experimentado, ficando provado o seu incomparavel

::: valor :::

Unico receitado pelos especialistas para o tratamento e diagnostico da syphilis, por ser de effeito muito rapido e absolutamente inoffensivo a qualquer orga-

::: nismo :::



Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não deverá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.

Deposítarios: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ia}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMEDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 22 de Julho, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$000

INTEIRCS, 22\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

RIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL

PARA O INVERNO
V. Ex. encontra na CASA ESTRELLA

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de
lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã,
sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de
casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO
RUA DO OUVIDOR N. 134



ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

RUA 7 DE SETEMBRO, 97-Sob. Tel. C. 4585



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O SALVADOR

Madrugada ainda, o Leoncio Baptista apertou á cintura a cartuceira, empunhou o estojo da espingarda, carregada de vespera, e, abrindo a porta da sua casa de villa, á rua Conde de Bomfim, tomou, a pé, o rumo da Tijuca A's cinco e pouco, quando o céu se encheu de claridade, estava elle, já, a duzentos e tantos metros de altitude, embrenhado na matta verde, á espera das pacas, das cotias, e das inhambús precavidas, que costumavam descer, áquella hora, ao bebedouro da fonte das Pedras.

O lugar em que o rapaz se acoitára á espera da caça era admiravel, como paisagem e como ponto strategico. D'alli mesmo, do tronco daquella paineira centenaria, via elle, lá embaixo, a cidade, a romper, para despertar, o lençol de bruma que a envolvia. Do outro lado, era a matta luxuriante, irrompendo das intermittencias de pedra, pela qual corria, despenhando-se, aquelle fio d'agua tumultuoso.

D'aqui e d'alli chegaram, pulando de galho em galho, ou batendo as azas irriqueitas, pequenas aves conoras. Poisavam, desciam sobre um garrancho ou sobre um seixo, mettião o biquinho n'agua, suspendiam a

cabecinha trez, quatro vezes, para engolir a gotinha crystalina, e partiam, de novo, rumo dos ninhos distantes. Lagartos desconfiados corriam, celeres, no folheto secco. Ao longe, uma inhambu gemia alto, como se chorasse pela sua garganta viva o coração misterioso da montanha.

Quieto, a espingarda na unha, ouvido attento ao menor barulho das folhas, o rapaz estava, já, ha meia hora, naquella logar, quando resol-

veu experimentar outro ponto de espera, alguns metros adiante. Pisa aqui, salta alli, vencendo obstaculos de toda a ordem, demandava a nova to-cáia quando, de repente, estacou: a cinco metros d'elle, estava amarrada a um tronco de arvore uma mulher jovem ainda, de phisionomia sympathica e formas tentadoras, que parecia achar-se naquella posição desde as primeiras horas da madrugada. De pé, de costas para o tronco, apresentava as mãos atadas para traz, e o vestido rôto, dilacerado na frente, patenteando uma parte do collo moreno.

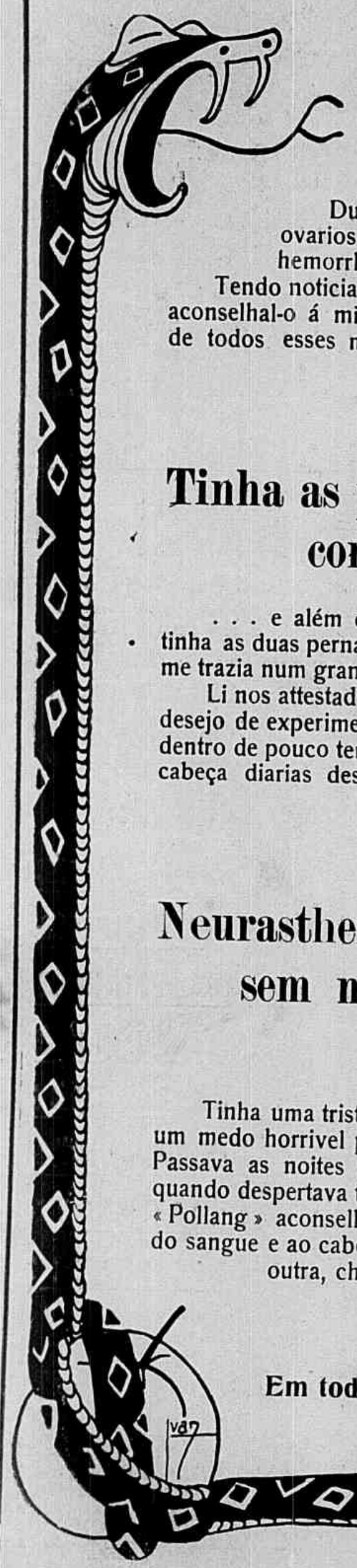
Espantado com o encontro, o moço caçador approximou-se, apressando os passos.

— Que foi isso? — indagou, detendo-se diante da des-

ENTRE LES DEUX...



CONCHA — Paco, tu, me és "fiel"?
PACO — Sou, filha. "Fiel" não é... um
ponteiro que fica entre duas "conchas"?



Inflamação chronica do utero e ovarios devido á impureza do sangue. Curada, engordou 4 kilos

Durante dois annos soffreu minha esposa de inflamação dos ovarios e do utero com corrimento e menstruação ora difficil, ora hemorrhagica e por vezes não podendo quasi caminhar.

Tendo noticias das curas feitas, pelo « Pollang » em casos analogos resolvi aconselhal-o á minha esposa e em tão boa hora o fiz que hoje está curada de todos esses males tendo engordado 4 kilos.

Guilherme Güssell.

Blumenau — Santa Catharina.

Tinha as pernas inchadas e dores de cabeça constantes devido á syphilis

... e além das dôres de cabeça diarias que não cediam nem á aspirina, tinha as duas pernas inchadas dos tonozellos até quasi aos joelhos. Esse estado me trazia num grande desanimo e quasi desesperava de curar-me.

Li nos attestados de curas feitas com o depurativo « Pollang » e não resisti ao desejo de experimental-o e em mim proprio verifiquei sua poderosa efficacia, pois dentro de pouco tempo minhas pernas desincharam por completo e as dores de cabeça diarias desapareceram.

Justiniano de Arruda Porebat.

S. Paulo.

Neurasthenia de fundo syphilitico. Chorava sem motivo, não dormia e tinha pavor de tudo

Tinha uma tristeza invencivel; chorava sem motivo, e se apoderou de mim um medo horrivel por tudo, tendo receio até de sahir [á rua desacompanhada. Passava as noites quasi em claro, pois só conseguia dormir pela madrugada, e quando despertava tinha uma sensação de desanimo e grande cansaço. Tomei o « Pollang » aconselhada por uma amiga que attribuia esses males á impureza do sangue e ao cabo de dois mezes de uso desse poderoso depurativo sentia-me outra, cheia de energia e completamente restabelecida.

Viuva Luiza Tybiricá Monteiro.

Manãos — Amazonas.

**Em todas as Drogarias e Pharmacias — Depósito Geral:
Rua 1.º de Março, 151, sobrado.**

A PUDICA

OS CONTOS DO ALMIRANTE

A sineta do «Parisiense» começara a tilintar, annunciando o fim da sessão, quando o Luiz Botelho se er-

gueu, no salão de espera, convidando a noiva:

— Anda; vamos tomar lugar.

A medida que a campainha tilintava como lingua de mulher enredeira, as duas portas da conhecida casa de diversões vomitavam duas filas de gente elegante, que se retirava. Sahidas as ultimas pessoas, o porteiro desatou a corda de seda verde que vedava a porta central, e a multidão invadiu, em tumulto, a sala de projecções.

Luiz Botelho, antigo funcionario de Fazenda, era um rapaz honesto, de vinte e poucos annos, cujos olhos se haviam acorrentado á graça risonha da Ernestina Fialho, encantadora vizinha da pensão em que elle vivia. Duas ou tres olhadellas furtivas, e, ao fim de um mez e pouco, estavam noivos. E era como noivos que alli se achavam naquella tarde, acompanhados de Dona Maria Ignacia, mãe da menina, cuja gravidade de rosto era accentuada por uma verruga do tamanho de um carço de milho, que a idade lhe encastoara no nariz.

No salão do cinema a precavida senhora procurara sentar-se entre a filha e o futuro genro, estabelecendo entre os dois um muro de isolamento. Com a confusão da entrada, porém, a menina ficou ao lado do rapaz, e foi assim que mergulharam na sombra quando se apagaram, de uma vez, as numerosas estrellas do tecto.

Era aquella a primeira vez que os dois se sentiam juntos, ás escuras. Noivos ha dois dias apenas, não tinham experimentado ainda o menor movimento de intimidade, conservando-se numa atmosfera de respeito mutuo, quasi cerimoniosa. E era nesse ambiente que olhavam a fita, mudos, olhos espetados na tela, quando o Luiz imaginou aventurar um gesto ousado, em que a moça lhe desse uma demonstração deliciosa do seu carinho. Calmo, o olhar simuladamente preso no «filme», principiou por avançar, de leve, o braço, até entrar em contacto com o da menina. Firme, cabeça levantada, esta não se moveu. O noivo observou isso como um bom prenuncio, e avançou mais. Tremulos, frios, os seus dedos tocaram o braço da moça. Animaram-se. Desceram. Tocaram os dedos d'ella... Mais um pouco de animo, pegou-lhe da mão. Tomou-a na sua, e puxou-a com cuidado, e sem

resistencia, para cima da sua perna. Abriu-lhe os dedos inermes, e apertou-os entre a

sua mão e o seu joelho, numa caricia forçada. E arrepiava-se todo de encanto, deliciado com aquelle carinho de noivo moderno, quando a moça se voltou, no escuro, para elle.

— Miseravel! — bradou, tremula.

— Quem o senhor pensa que eu sou? E sem dar-lhe tempo para a menor desculpa:

— Não sei onde estou que não chamo a Policia e não o entrego, como um derespetador, um devasso, um cynico!

Luiz Botelho estava pallido, frio, atarantado, prevendo o escandalo. E Ernestina continuava:

— Ponha-se fóra d'aqui «seu» cachorro. Já!

Os espectadores mais proximos principiavam a voltar-se, varando, com os olhos, a escuridão. Luiz suava frio, como se o tivessem mergulhado num banho de gelo. O remedio que tinha era retirar-se, immediatamente.

— Ponha-se fóra d'aqui! — gritou a menina, de novo.

— Eu vou-me embora... vou... — gemeu o rapaz, E baixando os olhos para a perna, de onde Ernestina ainda não havia tirado a mão:

— Mas, solta o joelho... Sim?

A' mirante Justino Ribas

A Riqueza Sagrada

A alma do sumptuoso capitalista foi bater, uma tarde, á encrusilhada que dá para o Inferno e, tambem, para o Paraíso.

— E' minha! — gritou Belzebuth, avançando.

— Não, senhor; é minha! — protestou, detendo-o com a espada flammejante, o anjo Gabriel.

— Mas é um homem rico! — tornou o Diabo, estranhando. — E é mais facil passar um camello pelo fundo de uma agulha do que penetrar um rico no reino do céu.

— Eu sei, — observou o anjo rindo. — Mas este está salvo.

E victorioso, fazendo rangir a porta do Paraíso:

— Este enriqueceu com um bilhete da loteria da Cruz Vermelha!

E o feizardo entrou.



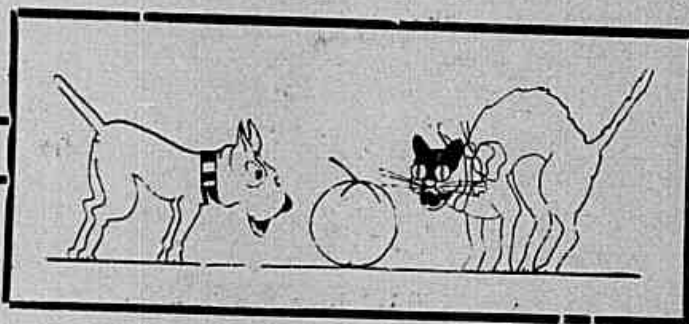
MAÇÃ e MAÇÃ

(A. BRONNER)

Rubro o nariz (certissimo signal)
 Certo padre no pulpito dizia :
 — «Fosse eu Adão ! Nunca me expelliria
 A serpente do Eden terreal...
 A maçã ! a mais vil, mais sem valia
 Dessas fructas que o ceu produz e as chuvas!...

— Mas, padre, no teu caso Deus poria,
 Em vez duma maçã, um cacho d'uvas.

João Ribeiro



venturada. — Como foi que a senhora veio parar neste lugar, neste estado ?

Pondo nelle os seus olhos macerados e supplicantes, a rapariga contou o que lhe acontecera. Estava a passeio em casa de uma familia amiga, no Alto da Boa-Vista, e, á tarde, sahira para conhecer a matta circumvisinha. Perdêra o rumo, embrenhara-se no mattagal, e dera, noite já, com dois individuos que a subjugaram, e que a haviam levado para alli, onde a amarraram, abusando, depois, da sua triste situação.

— Deram-lhe abraços ? — indagou Leoncio, olhando-a de alto a baixo.

— Sim, senhor... — confessou a rapariga, corando, e baixando os olhos.

— E beijos ?

— Tambem... — informou a infeliz.

— E por que não gritou por soccorro ?

— Eu gritei, — tornou a pobre, justificando-se.

— E não appareceu ninguem ?

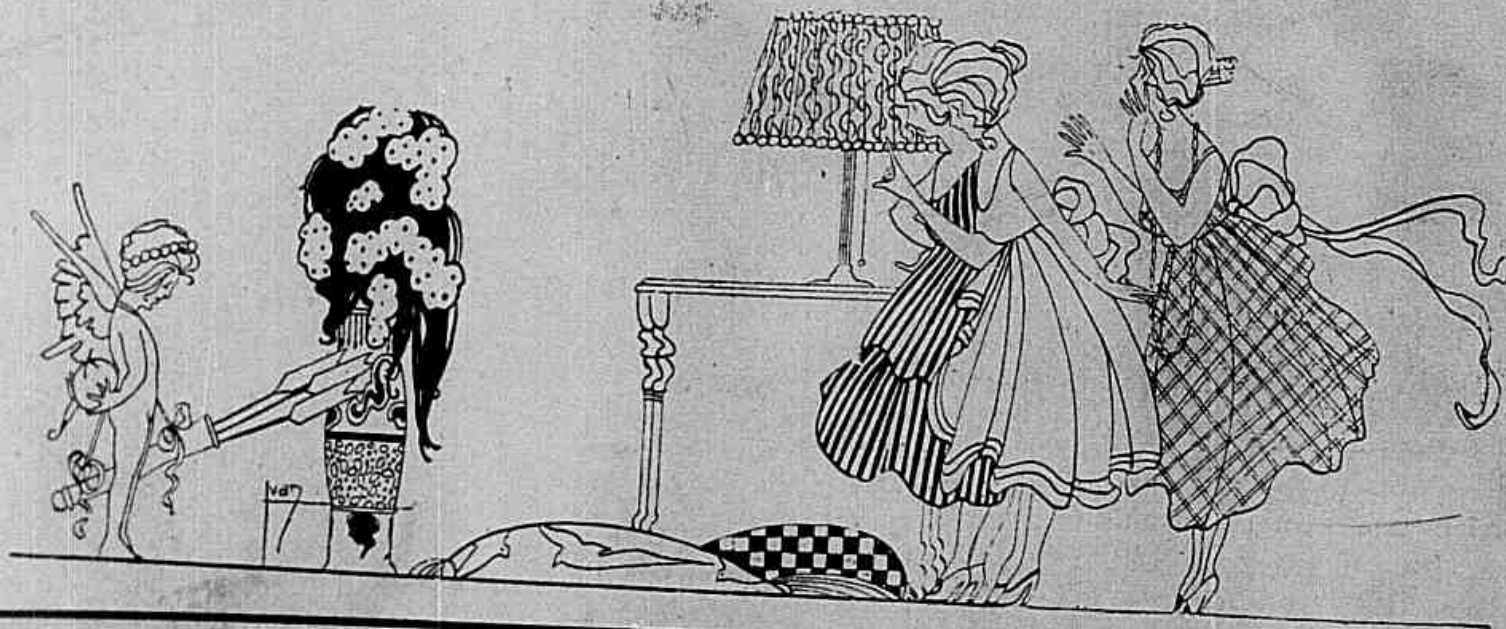
— Ninguem !

A essas palavras, o caçador sorriu. Olhou para um lado e para outro, e encostando a espingarda a um tronco proximo :

— Então, com licença !

E atirou-se á moça, brutalmente, bestialmente, como não o tinham feito, talvez, os dois salteadores da vespera.

X. X.



FIGURAS

NACIONAES



LAURO MULLER

LAURO MÜLLER



Em principios de 1882, com quatorze annos apenas, desembarcava no Rio de Janeiro um rapazola fino, magro, imberbe, comprido como um bambú. Procedia de Santa Catharina, onde nascera de paes allemães, e destinava-se ao commercio. Onde primeiro se empregou,

ninguem sabe. Contemporaneos do acontecimento, pessoas de toda a fé, asseguram, entretanto, que o rapazola esteve, algum tempo, em uma casa de laticínios. E foi d'ahi que, mais comprido, mais fino, mais magro, saiu para a Escola Militar, onde se matriculava em 1886.

Alourado, de olhos azues, e trazendo ainda na dicção o sotaque do idioma paterno, teve Lauro Severiano Muller, desde logo, na Escola, o appellido de «Allemãozinho». Comia salchicha, bebia cerveja, e como conhecia o allemão, lia nas aulas pedaços de Goethe, contos de Hoffmann, trechos de Leibnitz. E era com esses elementos que se impunha aos companheiros, os quaes viam nelle, com olhos de espanto, o verdadeiro genio da geração.

Foi por esse tempo que o futuro estadista demonstrou, num episodio famoso, o homem clarividente que, mais tarde, viria a ser. Certo dia, estando em aula a turma a que elle pertencia, chegaram á Escola da Praia Vermelha dois viajantes americanos que dezejavam escalar o Pão de Assucar.

— Eu sei o caminho! — disse, logo, Lauro Muller, pondo-se á disposição dos estrangeiros.

Obtida a licença dos mestres, começou a ascensão. A subida do penedo era, naquella tempo, uma verdadeira temeridade. Agarra aqui, segura alli, escorrega acolá, ia a comitiva galgando a pedra, com o risco de escapular de lá e ir esborrachar-se em baixo, ou esphacelar-se nas anfractuosidades da encosta. A's seis horas da tarde, chegaram ao cimo. Os americanos estavam mais mortos do que vivos.

— Vamos, agora, dormir, — observou um d'elles; descemos pela madrugada.

— Pela madrugada, não, — protestou Lauro Muller.

— Eu tenho exame de manhã, cedo, e preciso estar em aula ao acanhecer.

E, abandonando os estrangeiros no alto do penedo formidável, descen, sosinho, na escuridão da noite, a pedra cortada a pique, onde o menor desvio da mão ou do pé seria a morte irremediável e horrível.

Foi esse feito, affirma-se, que o approximou de Benjamin.

— Esse menino — dizia o fundador, — vai ser de grande utilidade á nossa causa.

E arregalando os olhos de protector dos cegos:

— Vê no escuro!

Na manhã de 15 de Novembro, foi-lhe confiada por Deodoro uma companhia, que formou, firme, no Campo de Sant'Anna.

Do Quartel General, onde se achava reunido o ministerio, Ouro-Preto notou-o.

— Quem é aquelle alferes-alumno, acolá? — indagou.

— E' o Lauro Muller, — informou Floriano, que se achava ao lado, harmonizando a situação.

E o visconde:

— Não é aquelle que esteve lá em casa, hontem á noite?

Apanhado ao collo pela Republica, foi eleito, com vinte e tres annos, deputado á Constituinte. Aos vinte e seis, era governador de Santa Catharina. Depois, tornou á Camara, passou para o Senado, foi ministro, voltou ao Senado de novo, tornou a ser ministro, e é, agora, de novo, senador.

A Politica exerceu sobre o illustre estadista republicano uma influencia duplamente benefica: matou, nelle, o poeta, e tornou-o o mais sceptico e escovado dos brasileiros.

O primeiro homicidio era uma necessidade. Tendo adquirido, por emprestimo, um dictionario de rimas, quiz Lauro Muller experimentar a sua capacidade como poeta. Enfiou os dedos na cabeça, e passou uma noite inteira, na Praia Vermelha, escrevendo. Ao amanhecer, havia perpetrado aquelle soneto famoso, que assim termina:

«O mar corre ondulante sobre o mar,
Vem um tormento após outro tormento:
Tudo é no mundo feito por findar.
Só não se acaba a imagem tão querida
Que sempre, eterna, está no pensamento
De quem a «ti adora» mais que a vida.

Mostrado a Benjamin, este encarou o discipulo, observando:

— «Theadora», não, rapaz. O nome é — Theodora!

Envergonhado, Lauro Muller não fez mais versos. Dedicou-se ás questões sociaes com ardor, com fé, com entusiasmo. O aspecto da politica republicana foi, porém, matando nelle aquella bravura arrogante, de gallo de poileiro. E com tamanha efficiencia, que, annos depois, Pí-nheiro Machado sentenciava:

— E' um perigo, o Lauro.

E alludindo á sua condição de militar e de politico:

— E' uma raposa de espada á cinta!

Ministro e senador, Lauro Muller é, na politica federal, o unico homem que nunca se comprometteu.

— E' a enguia nacional, — sentenciava, uma vez, Nilo Peçanha.

E justificava:

— Quando a gente suppõe tel-o na mão, elle escapole pelo outro lado.

Essa opinião não é mais, entretanto, que o desdobramento d'aquella outra, de Francisco Glycerio:

— O Lauro é o sabonete da Republica: é cheiroso, e escorrégua!

As definições da sua figura são as mais variadas e pittorescas. E todas visam as-





OS FILHOS FAMÍLIA



Após uma infinidade de tentativas inúteis, o casal Barbosa da Gama havia conseguido deter em casa aquella copeira, que o servia a contento. E era exactamente agora, quando madame se sentia satisfeita, que a rapariga entendera de pedir as contas, afim de retirar-se.

— Augmenta-lhe o ordenado de mais vinte mil reis, Antoninha! — aconselhou, perdulario, o marido.

— Já aumentei. Já lhe dei um vestido, dos meus; já lhe offereci um quarto para dormir, aqui em cima; já fiz, em summa, o que era possível. Não quer ficar, e acabou-se!

A familia Barbosa da Gama era composta, então, de trez pessoas: o dr. Barbosa, a esposa, e um filho de dezoito annos, rapazola vadio e moleirão, que passava o dia pelo meio da casa, a fisgar moscas e a brincar com o pelludo «angora» de Dona Antoninha.

Aborrecida d'aquella monotonia intoleravel, a Magdalena deliberara retirar-se, concedendo aos patrões, por muito favor, um praso de oito dias. E

estava esse praso a expirar, quando, ao passar pelo quarto da rapariga, Dona Antoninha olhou para dentro, pela fechadura.

— Meu Deus! é meu filho!... — exclamou, tapando a bocca com a mão.

No dia seguinte, pela manhã, a copeira procurou a patrão:

— Dona Antoninha, eu venho communicar que continuo na casa.

— Você?

— Sim, senhora.

A' tarde, ao descer para o jantar, Dona Antoninha chamou o filho:

— Felipe!

O rapazola appareceu.

— Dá-me um abraço, — disse a bôa senhora, um sorriso nos labios.

E chegando-o para si:

— Afinal, meu filho, sempre serviste para alguma cousa!...

E apertou-o com força, de encontro ao coração.

Tenente Mathias

ção de athleta lhe grangeara a honra de andar, com o peito recoberto de medalhas, na capa de todas as revistas nacionaes.

— Bello homem! — diziam as mulheres, quando elle passava.

E foi esse bello homem que se tornou, um dia, noivo dessa maravilhosa mulher que era Odette Lustosa, para constituição do casal mais robusto e formoso do Brasil, do qual sahisse, para gloria da patria, uma geração de homens que seriam semideuses e de mulheres tão bellas, tão perfeitas, que a propria Grecia invejaria.

Ao saber do noivado, o commendador Benigno, não se mostrou indifferente. Com os seus olhos vesgos, e com uma perna mais comprida que a outra, foi elle o primeiro a chegar, no seu automovel, no dia do casamento. A franqueza do sr. Mathias, negando-lhe a mão da filha, tinha feito d'elle um amigo. E era como um amigo, quasi como um parente, que elle queria ser considerado pelo novo casal.

Seis mezes após o enlace, foi o sr. Mathias Lustosa informado de que a sua Odette lhe annuncia-

va, para alguns mezes depois, o seu primeiro rebento. Contento, fóra de si de alegria, o sr. Mathias participou a toda a gente o grande acontecimento. E ninguem ficou mais contente do que o commendador Benigno, que pôz, logo, á disposição do futuro avô, e do marido de Odette, a sua fortuna, para que os partidarios da eugenia tivessem, em breve, uma confirmação das suas theorias.

Liberal como sempre, o commendador suggeriu, mesmo, uma cousa: Odette e o marido partiriam para Poços de Caldas, onde nada lhes faltaria, de modo que o ambiente, o clima, os aspectos da natureza, contribuissem para a perfeição da creança.

Ao fim do praso natural, a moça começou, em verdade, a annunciar o producto esthetico do seu amor. Bem conformada, tudo correu bem. E nasceu o menino anciosamente esperado.

Era vesgo, tinha uma perna mais comprida do que a outra, numa reproducção perfeita, embora em miniatura, do typo do commendador!

Paul Marcel

EUGENIA

Quando a Odette nasceu, o pae mandou vir uma balança da mercearia do canto, e pesou-a.

— Cinco kilos e cem grammas! — exclamou.

A menina era, de facto, robustissima. As pernas, os braços, o pescoço, eram como camadas de carne, de gordura, de toucinho, superpostas. Os olhos, que não eram pequenos, desapareciam sob as palpebras, que sobre elles desciam, pesadas. Tão forte era, em summa, a creança, que foi geral a exclamação, quando a viram:

— Que belleza!...

Não obstante a modestia dos seus recursos de fortuna, o sr. Mathias Lustosa resolveu, de si consigo, fazer d'aquelle rebento da sua arvore uma legitima gloria da raça. Havia de crear a sua Odette com o cuidado, o carinho, o desvelo de um jardineiro, de modo que a creança fosse, mais tarde, um verdadeiro typo de robustez e formosura.

— A alegria de um pae — dizia elle, — é ver a saude e a belleza de um filho!

E se elle assim comprehendia a alegria, tinha motivo, mesmo, para viver alegre. Confiada aos cuidados de uma educadora americana, que fazia mais questão dos altêres, do trapesio e da barra fixa do que propriamente dos livros, Odette tornara-se um typo de formosura como não havia outro, na cidade. Cabellos alourados, cortados á ingleza; cabeça forte; bocca bem feita e energica, de dentes eguaes e impec-

veis; braços harmoniosos; pernas correctas, robustas, de estatua atheniense; busto alevantado e sadio: tudo isso eram contribuições para um conjuncto irreprehensivel e para que surgisse, na creança de hontem, a mais perfeita e formosa mulher do paiz.

Aos dezoito annos Odette, como Cleopatra no Egipto, entontecia a cidade. Trez rapazes, apaixonados por ella, mataram-se a punhal. E foi quando se apresentou, disputando-lhe a mão, o commendador Benigno Bonifacio de Oliveira, velho gozador, de quarenta e tantos annos, senhor de uma das melhores fortunas e, ao mesmo tempo, de uma das piores carac-
tões existentes em São Paulo.

Ante a pretensão do horrendo banqueiro o sr. Mathias foi franco:

— Pobre como sou, sr. commendador, eu dezejaria, naturalmente, que a minha filha casasse com um homem de fortuna. Acima, porém, do interesse, anima-me a idéa de aperfeiçoar a nossa raça, dando-lhe typos fortes, robustos, vigorosos. E é por isso que eu preferirei, para noivo da minha Odette, um moço sem dinheiro, mas vigoroso, sadio, robusto, capaz, enfim, de assegurar-lhe uma descendencia digna d'ella.

Sciente do caso, o commendador encolheu os hombros, e retirou-se. Achava natural aquella exigencia paterna, e os seus votos, á despedida, foram para que o sr. Mathias encontrasse na mocidade brasileira um rapaz que merecesse, realmente, aquella maravilhosa creatura.

Devotada, como está, ao athletismo, a nossa juventude offerecia, naturalmente, mais de um noivo á Odette. Entre estes, porém, um preenchia, mais que nenhum outro, as condições: o Alfredo Motta, campeão de natação, de foot-ball e de corrida a pé, cuja conforma-



□ □ □ □ A PROLE DO MARIDO □ □ □ □

Dona Adelia da Cunha Torres era o que se chama um espirito alevantado. Educada na Europa, onde então residia o pae, o saudoso visconde da Baixa Verde, visitara todos os paizes do continente, e mais os Estados-Unidos, bebendo a grandes goles o louro vinho da civilização. De regresso ao Brasil, casou-se, no Rio, com o dr. Alfredo da Cunha Torres, então deputado pela Bahia, e que era, tambem, uma das intelligencias mais avançadas do seu tempo.

Admiravel figura de conquistador, Cunha Torres era homem para encantar não só uma mulher, como toda uma sociedade feminina. E foi isso que malame não percebeu, quando, um dia, soube, por intermedio de uma amiga, que certa cartomante predissera, para o marido, uma prole de doze filhos.

— Será possível? — gemeu a moça, escandalizada.

Dona Adelinha já havia tido, em cinco annos de casamento, quatro pequenos, — duas meninas e dois meninos. E já era muito. Os filhos envelhecem a gente, e ella presava demais a sua belleza, os eacantos que ainda conservava, para os querer sacrificar em beneficio de uma descendencia desnecessaria. Que fazer, pois, nessa lucta com a determinação do destino?

Impressionada com essa materia, a formosa senhora pensou em entender-se com o esposo. Intelligente como era, elle havia de conhecer um meio, um processo, um remedio para aquella situação. E foi o que fez, numa noite de verão, após o jantar, naquelle banco de pedra, no jardim silencioso.

Um ao lado do outro, olhavam, os dois, o céu estrellado, quando a jovem senhora inclinou a cabeça perfumada, de cabellos castanhos, sobre o hombro do marido. Elle chegou o rosto escanhado para sentir aquelle contacto carinhoso, e ella, a voz doce, chamou:

— Alfredo!



Elle voltou o rosto, de leve.

— Lembras-te d'aquella previsão da cigana?

— Qual?

Sem olhal-o, quebrando com as pontas dos dedos esguios um raminho de samambaia, ella esclareceu:

— Aquella em que disse que tu haverias de ter doze filhos.

— Ahn! — fez elle, sorrindo.

E passando-lhe a mão pela cabelleira castanha:

— Estás com medo?

Dona Adelinha levou aos dentes meudinhos o galinho tenro que acabava de partir, e explicou, sem fitar o marido:

— Medo, mesmo, não. Mas, tu sabes: eu, depois que nós nos casamos, ainda não tive socego para nada. E' filho, filho, filho, que não acaba mais. Não vou a um baile, a um theatro, a uma reunião.

— Não vaes porque não queres...

— Ora! Eu, então, hei de ir por ahi tudo com uma barriga deste tamanho?

Riram-se, os dois, e madame continuou:

— E' tempo, já, de socegarmos... Já temos quatro filhos...

— E então?

— Então é que, pela cartomante, ainda faltam oito!

— Oito? — exclamou elle, espantado.

— Oito, sim. A cartomante não disse que tu tinhas de ter doze filhos?

— Ah, filhinha; socéga! — fez o deputado, acariciando-a.

E rindo, beijando-lhe a cabeça cheirosa:

— Isto sou eu, não és tu!

Dona Adelinha suspirou, alliviada.

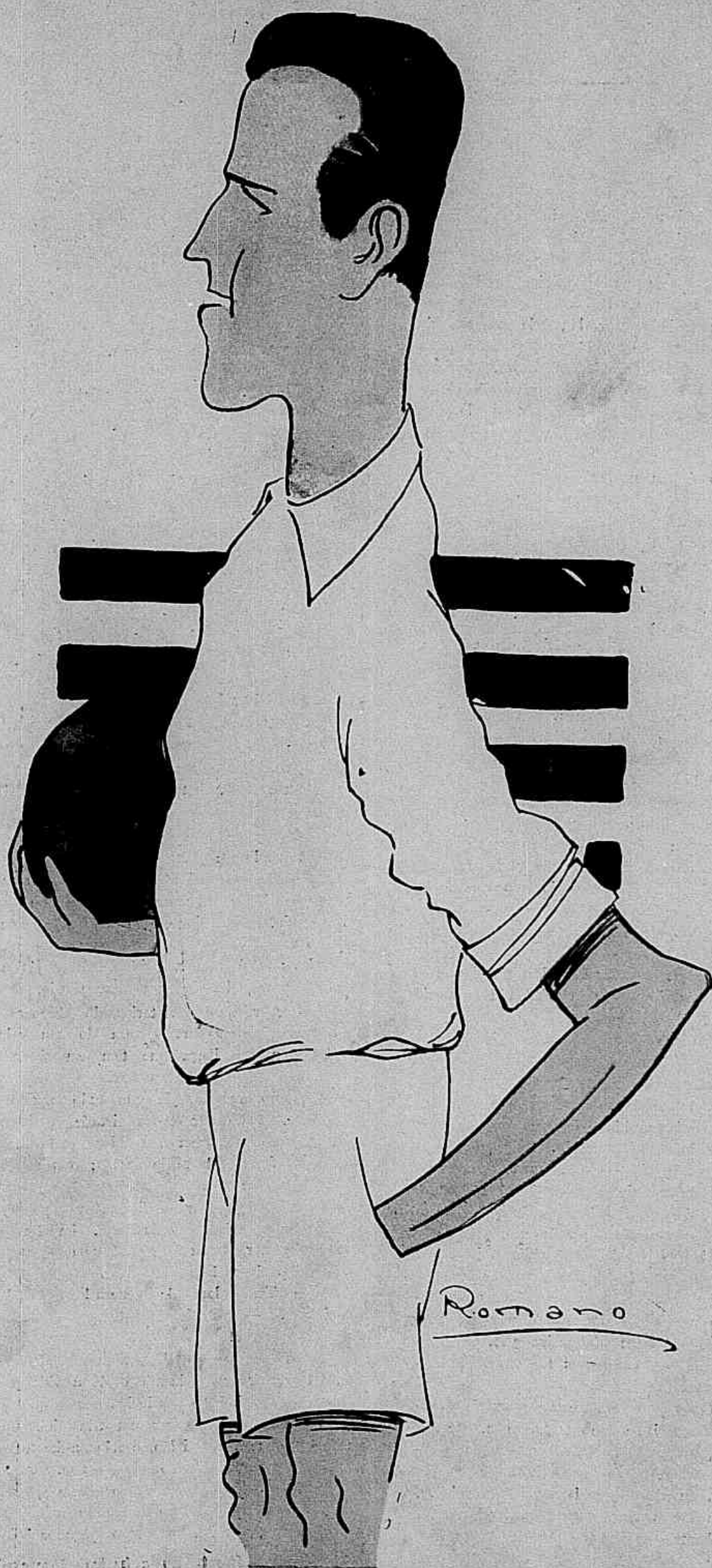
Batu Allah

PERGUNTA DE FREGUEZ



— A que horas a senhora abre o seu negocio ?
— A's seis e mela. Assim que me levanto...

PÉS... DE ANJO



HAROLDO (Do Botafogo)

(Leia a pagina seguinte)



RAZÃO PODEROSA

Convocada por mme. Teixeira Bello, aquella reunião feminina marcou um dos acontecimentos mundanos da semana. Senhoras de Botafogo, de Copacabana, do Leme, das Laranjeiras, da Tijuca, de São Christovam, alli estavam, nas toilettes mais ricas e apropriadas, para discutir o assumpto que se dizia do interesse geral. E o salão já regorgitava, tumultuando de figuras chics, quando a baroneza de São Carlos, por mais idosa e respeitavel, assumiu a presidencia da mesa, abrindo a sessão.

Erguida sobre um estrado forrado de verde, a mesa estava tão enfeitada que parecia surgir de um oceano de rosas. E como se estas não bastassem para offerecer um aspecto maravilhoso, appareciam, orlando-a de um lado, os bustos de mmes. Corrêa Botelho, Silvestre Ferreira, Bastos Endler e Augusto Borges, que secretariavam a cabeça de neve, corôa de uma phisionomia risonha, da veneranda fidalga republicana.

«Pince-nez» de ouro opprimindo o nariz afilado, esta começou a explicar o motivo da reunião. Tratava-se de um movimento geral da mulher brasileira, em favor de uma reforma das leis actuaes, relativas ao casamento. O Codigo Civil, não obstante as suas disposições liberaes em outros terrenos, havia deixado a mulher escravisada. A tyrannia do homem continuava inalteravel. E como seria ingenuidade esperar dos senhores alguma cousa, era mister que as escravas se levantassem por si mesmas, reclamando o seu lugar ao sol.

— Muito bem! Muito bem! — applaudiram dezenas de vozes.

A maior parte da assistencia não sabia, porém, o que fizesse. Algumas senhoras imaginavam guardar reserva, esperando consultar os maridos. Outras, de leque em punho, abanavam-se nervosamente, disfarçando a atropalhão com aquelle movimento da quinta arma.

— Ninguém tem qualquer objecção a fazer? — indagou, ao fim de alguns instantes, a baroneza.

— Eu, senhora presidente! — exclamou, do fundo da sala, uma senhora alva, elegante, olhos castanhos, rosto um pouco comprido, mas, no seu conjunto, formosa.

— Tem a palavra mme. Costa Alves.

Um movimento geral, de curiosidade, operou-se no salão. Todas se voltaram para a oradora, que principiou:

— Senhora presidente, eu acho que a mulher não tem direito a nenhuma reconquista, porque os costumes e as leis lhe asseguram a perfeita felicidade. Qualquer alteração, seria talvez motivo para desgostos futuros. O casamento indissolúvel, por exemplo, é uma necessidade!

— Oh! — fizeram as partidarias do divorcio. — Oooohhh!...

A oradora insistiu!

— O casamento, minhas irmãs, é indispensavel.

E, braços abertos, num sorriso victorioso, que era um deslumbramento:

— Porque, sem o casamento, como poderia haver o adulterio?

Foi a ultima vez que se abriram Botafogo, os salões de mme. Teixeira Bello.

Alice V.



ALCOVA DOS POETAS

O Segundo Peccado

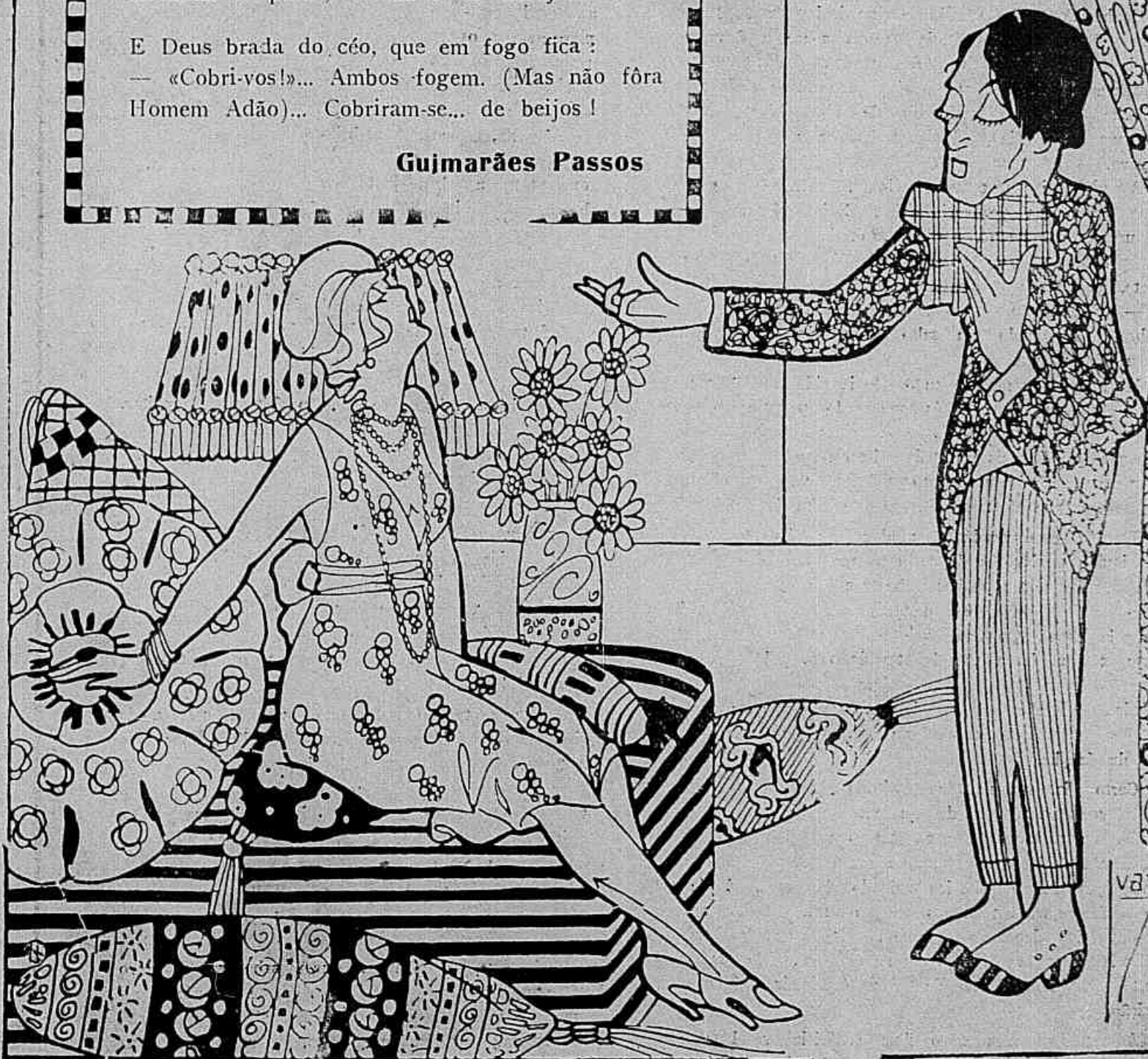
Cheirava mais que os outros e tentava
Mais que todos o fructo prohibido.
Como deixal-o? — tão apetecido!
Proval-o?... Como? se vedado estava?

Fala a serpente, e não resiste o ouvido
De Eva, que a ouvir apenas procurava,
E a sua lingua, de humida, estalava,
Antegosando o pomo defendido.

Eva não póde mais, céde e supplica:
Céde tambem Adão; a gana estoura,
Mordem o pomo, cevam-se os dezejós...

E Deus brada do céo, que em' fogo fica:
— «Cobri-vos!»... Ambos fogem. (Mas não fôra
Homem Adão)... Cobriram-se... de beijos!

Guimarães Passos



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.

Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

PÉS... DE ANJO

HAROLDO



Em certo dia de 1917 ia o sr. Carlos Pimentel, treinador do «team» juvenil do Botafogo F. C., pelo largo da Carioca, quando viu á sua frente um mininote sympathico, vigoroso, e de espantosa agilidade, que «shootava» uma laranja, na direcção de um «goal» imaginario. Pancada firme, o rapazola fazia saltar a laranja por cima do gramado, indo esperal-a, elle proprio, do outro lado da praça, recolhendo-a nas mãos e, o que é melhor, quasi de olhos fechados. Durante muito tempo ficou o illustre «sportman» olhando a brincadeira do pequenote; e quando este já limpava a mão na casca de uma arvore, prompto para se ir embora, abordou-o:

- Menino, como é seu nome?
- Haroldo.
- E' d'aquí mesmo?
- Sim, senhor. Sou filho do corrector Joppert.
- Faz parte de algum Club de foot-ball?
- Eu? Faço, sim, senhor. Sou «goal-keeper» de um Club que funciona na cocheira do Manoel Portuguese,

e em que jogamos eu, o moleque Bonifacio, a Mariasinha, o João Vigia, Dona Violante, o cachorro d'ella, o caixeiro da venda e o soldado Malaquias.

Aquelle conjuncto sportivo da Cocheira F. C. era sobejamente compromettedor. E foi com a consciencia disso que o sr. Pimentel propoz:

— Porque você não entra para um Club de verdade, como, por exemplo, o Botafogo?

O menino sorriu, num sorriso largo, bom, jovial, de alma sadia e corpo forte.

— Eu vou falar com o papae, — prometteu.

E ficou combinado que, no caso de uma resposta affirmativa, o rapazola do largo da Carioca procuraria o sr. Carlos Pimentel, que seria o seu guia, o seu mentor e, futuramente, o seu maior entusiasta, nas altas espheras sportivas da cidade.

Oito dias depois estava Haroldo Joppert inscripto no quadro juvenil do Botafogo, em uma das turmas de maior futuro do Club. O seu progresso foi, porém, de tal ordem, que, passado um mez, se achava, já, no 3.º team, assombrando com as suas pegadas espantosas os velhos jogadores da corporação.

Foi por esse tempo, e nesse quadro, que ocorreu o incidente famoso que ia decidir, de uma vez, o seu destino. Após um periodo preparatorio em que havia ameaças de parte a parte, iam-se encontrar, no campo do Andarahy, os 3.ºs teams do Botafogo e Mangueira. Os torcedores deste ultimo eram incontaveis, não acontecendo o mesmo com o contendor, que ia actuar a grande distancia do seu bairro e da sua séde. Iniciado o jogo, com Haroldo como «goal-keeper», o Mangueira ganhava terreno, visivelmente, sobre o adversario. Terminado o primeiro tempo, score era este: Mangueira 3X1.

Desolados, os poucos torcedores do Botafogo abanavam-se com o chapéo, nervosamente. A derrota era certa, e quasi vergonhosa. Annuncia-se, entretanto, o 2.º tempo. Forma-se o quadro. Distribuem-se as posições. E vê-se, então, que, desta vez, tendo cedido a guarda do «goal» a um companheiro, Haroldo vae actuar como «center-forward». Positivamente, era uma temeridade. Dá-se,

porém, principio ao jogo. A linha alvi-negra avança. Haroldo, á frente, têm ares de Napoleão em batalha. E é um assombro. Ao fim de cinco minutos, faz um «goal», brilhantissimo. A situação, agora, é de 3X2. Mais um esforço, e outro «goal» de Haroldo. E' o empate: 3X3. Mas o tempo não está findo. Animados, os rapazes avançam. Outro «goal», ainda de Haroldo. E a partida, que no 1.º tempo se encerrara com a victoria facil do Mangueira, termina, graças a Haroldo, com o triumpho do Botafogo, por 4X3!

Aclamado como heróe desse feito, é resolvida a sua passagem para o 2.º team. Para isso, porém, era indispensavel a prova regulamentar de capacidade, que devia ser dada num dos jogos de experiencia do 1.º Escalado, toma parte no encontro. E com tal brilho, com tal competencia, com tamanha felicidade, que, finda a partida, a directoria resolve consideral-o definitivamente no 1.º team, no qual se conserva desde 1920, anno em que foi, logo, campeão.

Julgado pelos adversarios, attribuem estes a segurança do jogo de Haroldo á sua qualidade de estudante de engenharia. Perito no calculo do tempo e da distancia, conhecendo a influencia das curvas, a vantagem das rectas, faz tudo scientíficamente.

— E' o Gago Coutinho do «foot-ball!» — affirmam os colegas. — A bola é guiada por elle com a segurança mathematica do Farey 17.

Outros são, entretanto, menos lisonjeiros.

— O Haroldo ganha — dizem — simplesmente por gulodice.

E explicam:

— Desde menino, quando elle entrou para o Botafogo, o Carlos Pimentel habituou-se a prometter-lhe, se elle ganhasse no jogo, um chocolate com bolacha. Elle vae para o campo com o pensamento na bolacha e no chocolate; e é com a idéa de fazer jús aos dois que se bate com aquella bravura desesperada.

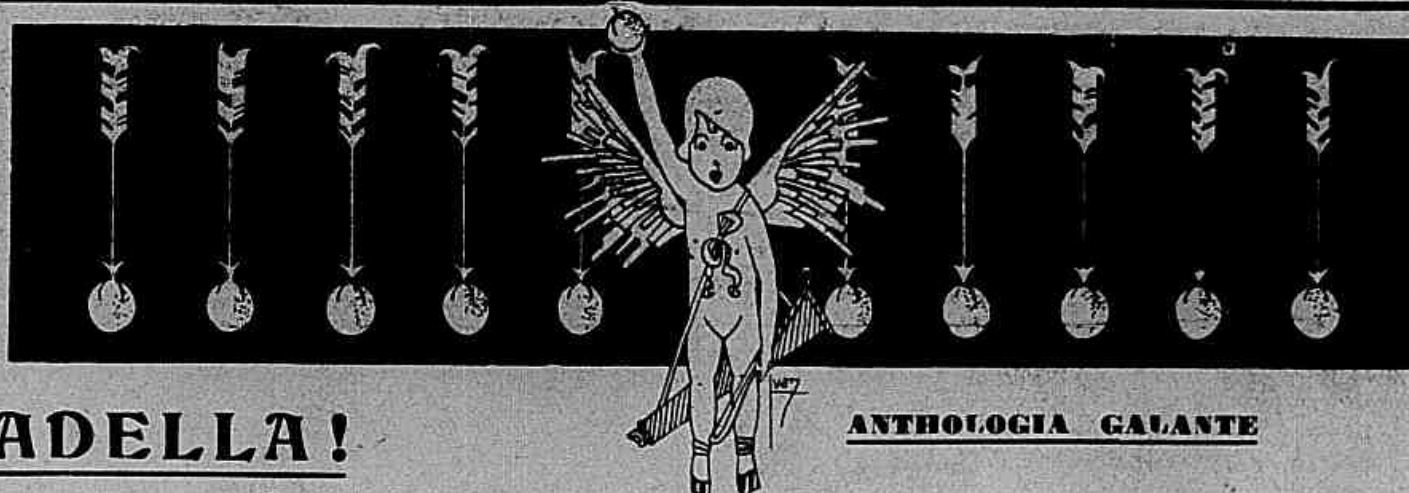
O segredo das victorias do «keeper» alvi-negro está, entretanto, não só na certeza do seu calculo, como, sobretudo, na confiança que tem em si mesmo. Agil, com uma calma admiravel, tem uma pegada tão firme que dá a impressão, mesmo, de que tudo aquillo é feito scientíficamente. E ao par d'essa virtude, a da confiança. Nunca entrou em campo sem a convicção de vencer. O adversario pode ser forte, valente, poderoso; o score do inimigo pode estar elevado: Haroldo não desanima. E não só não perde a coragem, a confiança, a esperança do triumpho, como ainda anima, enthusiasma, impelle para a victoria, com a palavra, com o gesto, com o exemplo, a «troupe» dos companheiros!

— Tem alma de general! — exclama os que o conhecem. — Si fosse soldado, combateria até morrer!

Fora do campo, é, entretanto, differente. Alegre, franco, brincalhão, dá a vida por uma «farra» honesta, principalmente quando é feita para commemorar um triumpho. Então, agarra-se a um violão, e rebenta-lhe todos os bordões, na furia do enthusiasmo. Nesses momentos, está por tudo: promette passar para todos os clubs, no anno seguinte. Desapparece, enfim, nelle, o jogador glo-

(Cont. em «Theatro Boccac'os»)





CADELLA!

(Página de «Lais».)

ANTHOLOGIA GALANTE

Lais parecia agora alegre. Fazia caretas ao espelho, onde se reflectia Helio, que se sentára na cama; mordida a lingua, piscava os olhos. Elle ria, chamando-a, com acenos. Do toucador vinha um cheiro lascivo de «Flôres de Tokio» e elle sentia o desejo fremir-lhe nas carnes; tinha as mãos frias. Um relógio miudo pulsava sobre o marmore; o seu «tic-tac» parecia nonotono, naquelle silencio. Elle chamou-a:

— Vem...

Puxou-a mansamente para o leito. Lais atirou-se para traz, elastica e felina, pendeu sobre elle, como uma grande flôr de carne.

— Dize que me queres bem.

Ella, fechando os olhos, repetia, como quem recita uma lição ensinada:

— Quero-te muito bem... Quero-te muito bem...

E elle segurava-lhe as orelhas como ansas, bebendo-lhe beijos na bocca. Depois, extasiado, mirava-lhe, entre as palpebras cahidas os diaphragmas das pupillas, moveis como as das gatas. Num colubrear de serpente ella enroscou-se-lhe no torso. Rugia, mordida-o, suspirava. Depois, saciado, elle meditou: «Não será Lais uma sensual»? Via-lhe o corpo esguio, de lyrio, largado no leito, inda convulso pelo espasmo, a suspirar entre os dentes rilhantes:

— Meu bem... Meu bem...

Elle teve um arrepio de pavor: «Uma sensual! Uma sensual!» Quiz experimental-a: grudou os labios na concha da orelha da amante; sugou lubricamente. Lais teve um arrepio; sua garganta, turgida, cobrejava como uma espinha dorsal partida; agarrou-o, delirante, mordendo-lhe os

beijos, num accesso de desejo, sussurrando phrases inintelligiveis. Elle, frio, hostil, deixava-se arrastar passivo; de repente, com rudeza, repelliua:

— Cadella!

Lais, sem ouvir, ironica e lasciva, dizia:

— Fraco... Vá alli, no toucador... Tenho pimperment com ether... uns sandwiches de caviar...

Helio sentiu no coração uma punhalada! Rívido, recortando as syllabas, aconchegou-se ao ouvido da amante e insultou-a:

— Cadella!

Lais saltou na cama. Seus olhos fuzilavam:

— Hein?

— Tu! Tu mesma!

— Eu?

Tinha o rosto livido, a cabelleira flammejante e desgrenhada, os peitos hirtos e nús, tremendo. As mãos crispavam-se na colcha de seda como garras. Helio titubeou. Ouvia os alaridos do sangue, como brados de uma multidão em revolta. Tentou sorrir. Tomou-se de um pavor covarde e gaguejou:

— Bobinha... Eu brincava...

E beijou-a, quasi chorando, com furor, para abafar os rugidos do sangue. Ella entregava-se, trespassada pelo desejo delle; desfallecia, num deliquio, como um corpo que agoniza. E, intereadentes, estremeções hystericos crispavam-lhe os labios, arrepiavam-lhe os musculos, que fremiam, alvos, esculpturaes... E, depois de um gemido longo, com que o espasmo a devolvia á razão, abria os olhos canalhas, rindo, saboreando o prazer:

— Como é bella a vida... Como é bom viver...

Menotti Del Picchia

segundo, e o terceiro, e voltou lá, duas, trez, quatro vezes, até á hora da despedida.

Sahidos os ultimos convidados, e introduzido no quarto o novo casal, ficou a pobre Dona Quiteria do lado de fora, a andar, inquieta, de um lado para outro, na expectativa de qualquer acontecimento desagradavel. E estava nessa attitude angustiosa, o ouvido alerta, quando, dentro, o capitão, para tomar coragem, retirou a garrafa de debaixo do travesseiro. Tirou-a, olhou-a de encontro á

luz, e, vendo-a pelo meio, não se conteve, que não exclamasse, a testa franzida, intrigado:

— Diabo! Que historia é essa? Andou alguém por cá antes de mim?

Fora, Dona Quiteria encostou-se á parede, para não cahir. E foi com a voz tremula, quasi desatando em choro, que pediu, supplice, atravez da porta fechada:

— Console-se «seu» Barcellos! Ao Anastacio aconteceu o mesmo e, no entanto, se consolou...

Ialdame



Alguem, antes delles . . .

Morena, de olhos verdes, cabellos annelados, e com um corpo que faria a tortura de um escultor, Mariquinhas, filha de Dona Quiteria Mendes, possuia, aos dezeseis annos, uma centena de admiradores. Não havia rapaz na localidade que a não requestasse, que a não cercasse, que não dormisse pensando nella. E a menina distribuia por todos o seu coração, multiplicado como o pão evangelico daquelle maravilhoso sermão da montanha.

O pae da menina, o Anastacio Mendes, havia sido um dos homens mais estimados do municipio. Tabellião publico, vivera na graça dos politicos e morrera na graça de Deus, entregando a alma ao Creador depois de haver entregue o corpo, maçilento e fatigado, a todos os caprichos da sua encantadora companheira.

Conhecedora do mundo e, particularmente, das labias masculinas, Dona Quiteria exercia sobre a filha uma vigilancia quasi prohibitiva. A menina facilitava tudo aos rapazes; a mãe era, porém, experta e infatigavel, tecendo-lhe em torno uma teia de arame farpado, que se tornava cada dia mais estreita, mais hostil, mais oppressiva.

A vigilancia materna é inutil, entretanto, quando não se appoia na prudencia filial. E isso ficou provado mais uma vez, quando Dona Quiteria, vendo a filha triste, pallida, e com umas grandes olheiras, a chamou á parte, para uma confissão particular.

— Foi, então, o Bilú? — exclamou, de repente. a pobre mãe, dando um salto da cadeira, e avançando para a desgraçada.

Mariquinhas confessou tudo. Havia sido o Bilú, aquelle rapazola que ainda vivia ás sopas do pae, e do qual nada se podia esperar. E essa circumstancia tornava a situação ainda mais delicada, determinando á precavida senhora, em vez de um gesto violento, uma attitudo prudente, severa, que afastasse a menor suspeita dos conhecidos.

Tomada essa resolução, mudou, em absoluto, a vida da Mariquinhas. Em vez da reclusão em que era conservada, passou a frequentar bailes, theatros, passeios, reuniões, logares, enfim, em que pudesse encontrar um noivo. A propria Dona Quiteria, que a acompanhava por toda a parte, não se descuidava de attrahir para o lado da filha a attenção dos rapazes casadoiros, na esperança de descobrir entre elles, dentro de um praso que se tornava cada vez mais angustioso, um genro que salvasse a honra da familia.

Certo dia, notou Dona Quiteria que o capitão Augusto Barcellos, ha nem de quarenta e oito annos, bem parecido, de recursos, embora um pouco bohemio, olhava com desusado interesse para a menina. Facilitar-lhe a approximação, foi o primeiro cuidado da viuva. E de tal modo o fez, que, em menos de um mez, estava marcado para oito dias depois o casamento da encantadora Maria da Gloria Ferreira Mendes com o capitão de artilharia Augusto Barcellos Pinto de Faria, primeira figura da guarnição.

Adorando a menina, o illustre official resolveu despedir-se da vida bohemia, antes do consorcio. E foi para isso, que os amigos promoverem aquelle banquete alegre,

ao qual compareceram os mais famosos companheiros da sua vida de solteirão.

A' mesa, começaram os brindes. E foi ao fim delles, que, com a alma junto da bocca, o capitão confessou uma verdade dolorosa: tinha medo de fazer má figura ao encontrar-se, na noite de nupcias, ao lado da moça a quem escolhera, entre tantas, para companheira do seu destino. Temia que a coragem lhe faltasse naquelle ambiente de ventura perfeita, tornando-se ridiculo pela timidez diante de uma creatura que esperava encontrar, com certeza, nelle, um espirito calmo, sereno, perfeitamente militar.

— Mas, para isso ha remedio! — opinou, ao lado, o Brandão, um dos seus intimos.

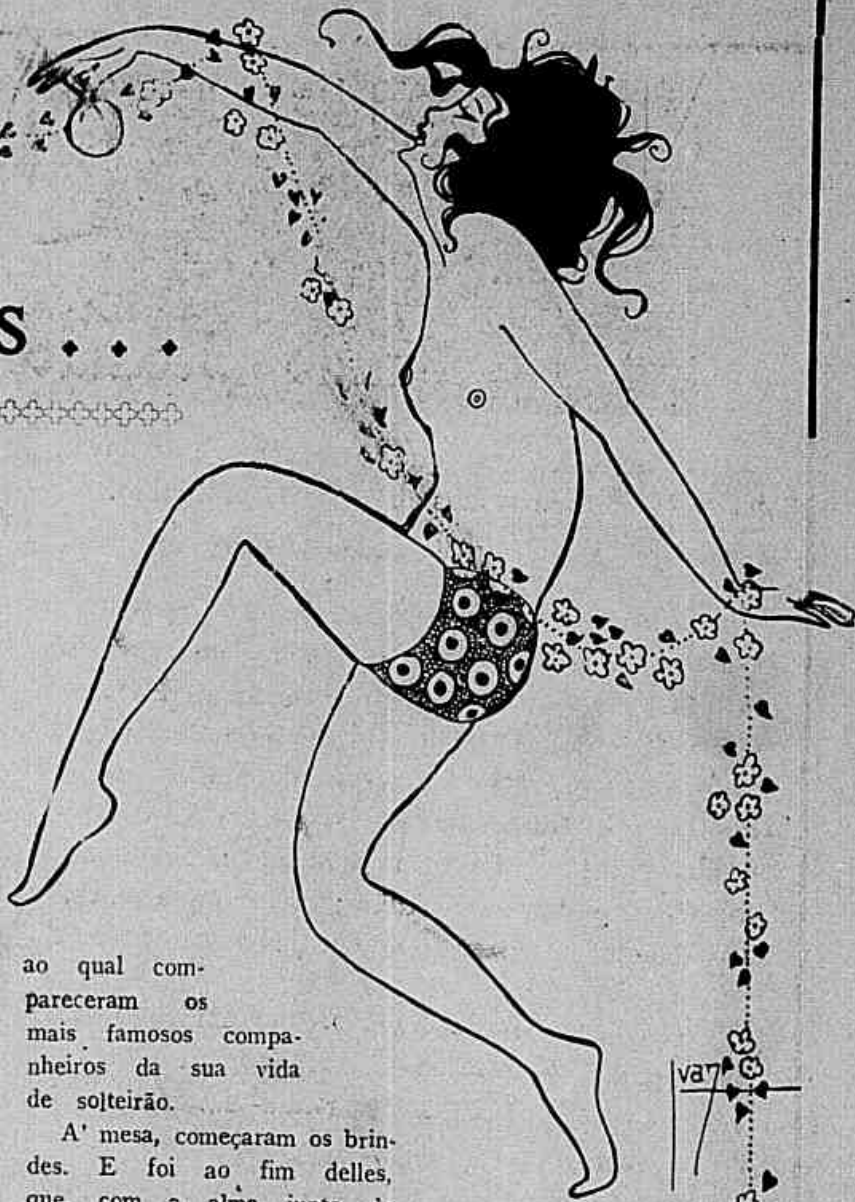
E explicou-lhe:

— O recurso para isso é o whisky, ou o cognac. Guarda no quarto dos noivos uma garrafa de qualquer bebida, e, quando tiveres fechado a porta, vira uns dois calices. Isso dá coragem, desembaraço, energia, e tu has de ver como te desaparece, em dois minutos, a timidez.

— Bôa idéa! — concordou o capitão. — Bôa idéa!

Na noite do casamento, com a sala ainda cheia de convidados, deixou Barcellos, por um instante, a noiva, correu á dispensa, apanhou uma garrafa de cognac, abriu-a, e foi escondel-a, cauteloso, completamente cheia, debaixo do travesseiro. Feito isso, voltou á sala, collocando-se, risonho, ao lado da moça.

Beberrão insaciavel, o Brandão, que não sabia da copa, teve noticia, a certa hora, de que as bebidas se haviam acabado. Para elle, era isso um desastre. E pensou: quem sabe se o noivo não teria aproveitado o conselho, e guardado alguma cousa no quarto, de accordo com a sua recommendação? Disfarçando os passos, entrou na alcova. E não precisou de muito trabalho para descobrir a garrafa, tomar o primeiro trago, e o



POR TRAZ DOS PANNOS

ALFREDO SILVA



Uma das maiores tristezas de Dias Braga era não deixar, quando morresse, uma pessoa do seu sangue que se dedicasse ao theatro. Aos seus olhos de artista de raça, parecia ingratitude desaparecer da scena da vida sem deixar, no palco, um simples continuador das suas glórias.

— Eu tenho — dizia elle, — dezenas de sobrinhos, de primos, e creio, de filhos. E não ha um que mostre paixão pela minha arte, que foi a unica, entretanto, que deu nome á familia!

Foi ao ouvir, num camarim do Lyrico, ha trinta annos, esta queixa do grande artista, que um rapazola de pouco mais de vinte annos deu um passo em frente, e offereceu-se:

— Eu, meu tio!

— Mas, tens tu, porventura, vocação para o theatro?

— Não sei. Só vendo. Vocação é como laranja: é preciso provar para saber qual é a azeda.

Dias Braga abraçou o sobrinho, commovido. E dias depois Alfredo Silva estreava no palco brasileiro, desempenhando o papel de um pagem que entra em scena, entrega uma carta e retira-se outra vez.

— E's uma revelação, meu filho! — disse, no fim do 1.º acto, o grande actor.

E abraçando-o:

— Serás a gloria da familia!

O primeiro cuidado do novo artista foi indagar do tio qual seria o seu ordenado.

— Tres mil reis por noite, para principiar.

Recebida a feria no fim da semana, Alfredo iniciou a sua verdadeira carreira artistica: emprestou dois mil reis a Antonietta Olga, trez a Apollonia Pinto, mil e quinhentos ao carpinteiro, dez tostões ao saudoso Leonardo, com a condição de ser reembolsado, no fim da outra semana, com os juros de 40% á hora.

Durante algum tempo vegetou o novo artista nacional em pequenos papeis sem relevo, quando surgiu, um dia, na cartaz, o famoso «Forrobodó».

— Eu quero ser o guarda-nocturno da peça! — reclamou Alfredo Silva, ligando grande importancia ao seu pedido.

E justificou:

— Eu preciso dar ordem de prisão a uns camaradas que estão em atraso commigo num dinheiro que lhes emprestei a juro modico!

Deram-lhe o papel. E, porque desejasse reaver o seu dinheiro, ou porque o personagem o seduzisse, o certo é que o sobrinho de Dias Braga se tornou a primeira figura da peça, dando-lhe um relevo que a tornou o maior successo theatral do Brasil, depois da «A Capital Federal», de Arthur Azevedo.

De então a esta parte, Alfredo Silva não perdeu mais o seu prestigio sobre a platêa. Contractado para a Companhia do S. José desde a sua fundação, isto é, desde 1.º de julho de 1911, não a deixou

mais. As suas economias, que dizem regulares, deram-lhe banhas de capitalista: engordou, prosperou, creou barreira. Preendendo a calvicie proxima, correu ao seu encontro: raspou a cabeça. E para que ninguém desse pela novidade, raspou a cara, até nas proximidades do pé.

O theatro nacional tem, talvez, poucas figuras tão gravemente methodicas como a sua. Admiravel contador de aneddotas, tirou, é certo, o premio no concurso realizado no Trianon, e em que coube o segundo logar a Procopio Ferreira. A sua vida é, porém, methodica, serena, equilibrada. Após o jantar, vae para o theatro, cuja porta do centro foi ampliada unicamente para lhe facilitar a passagem. Ajusta contas com um ou outro devedor, e entra em scena. A multidão ri, applaude, acclama. Como «compère», não ha outro mais adorado pelo publico. Terminado o espectáculo, vae, a passos certos, ao Café Teixeira, onde, em mesa certa, lhe é apresentada uma cangiquinha especial. Dorme a hora certa, e accorda, diz elle, logo que se levanta.

— E' o commendador Alfredo! — dizem os collegas que lhe invejam a prosperidade.

E outros, que ainda não saldaram a divida:

— E' o judeu da communidade!

Cauteloso e precavido, não empresta um vintem, diz-se, sem garantia segura de pagamento. O seu camarim é uma verdadeira loja de antiquario. Joias, calças, combinações, colletes, «soutiens-gorge», tudo está alli catalogado, numerado, rubricado, numa escripturação como não ha outra, talvez, em casa de penhores do Rio de Janeiro. E é com essa mesma ordem que elle traz, desde moço, a escripta do coração.

Nesse terreno, é o modelo da castidade burgueza. Apaixonou-se uma vez na vida, e «grudou-se» á creatura que o prendeu. E vivia feliz com o seu destino, querendo e sendo querido, quando, de repente, o seu coração enviuvou. Revoltado contra a Morte, o guarda-nocturno do «Forrobodó» apitou. O destino foi, não obstante, cumprido. E Alfredo Silva resta, hoje, sem companheira, para não profanar a suave lembrança da morta.

— Arranja uma ligação, filho! — aconselha, ás vezes, a sra. Antonietta Olga.

— Deus me livre, pequena!

— protesta o querido artista.

E accentua:

— Agora, não ha mais tempo. Vou comer de restaurante...

Comer de restaurante significa, para elle, affeição de uma noite, amor pago á vista, á becca do cofre. E é assim que elle viaja, agora, por São Paulo, com grande tristeza do publico do São José, que anda, aqui, com saudades de seu apito...

João Kaetano



POR TRAZ DOS PANNOS...



ALFREDO SILVA



Theatro Boecacio

A CASTA VIUVA

COMEDIA EM 2 ACTOS, DE JAN RICHORA

PERSONAGENS: BELMIRO — 30 annos — SILVINA — 42 annos — viuva.

Sala de visita em casa de Silvina. Grupo estofado. Porte-bibelot — Piano — Na parede: espelho, quadros e o retrato do marido de Silvina, um homenzarrão de grandes bigodes, fardado de official da marinha mercante. Portas á direita e á esquerda.

ACTO 1.º

SCENA UNICA

SILVINA E BELMIRO

SILVINA — (abrindo a porta) Quem é?...

BELMIRO — (entrando na sala) Sou eu... Não me esperava... bem sei... Vim fazer-lhe uma surpresa...

SILVINA — Não contava com a sua visita... Desculpe... nem estou vestida devidamente... para recebê-lo...

BELMIRO — (beijando-lhe a mão) E' melhor fechar logo a porta... Ninguém me viu entrar... Custei um pouco a achar a casa... Tinha idéa de que a Sra. morava no 47... que a casa é 41...

SILVINA — Porque veio assim... sem me avisar...

BELMIRO — Disse-me que apparecesse... e eu quize fazer-lhe uma surpresa...

SILVINA — Podia ao menos ter telephonado...

BELMIRO — Para que?... Perderia a graça...

(Cort. de HAROLDO)

rioso e queridissimo das meninas, para surgir aquelle meninote simples e bom que «shootava», annos atraz, uma laranja sem dono no gramado do largo da Carioca.

Veze ha, entretanto, em que Haroldo se entristece: é quando, na intimidade, toma do violão, e chora, em toada triste, a impassibilidade d'aquella formosissima ingrata, que, sabendo-o do Botafogo, continúa a torcer, com todos os dedos, pelas victorias do tricolor...

Pé... lopidas



SILVINA — E se eu tivesse uma visita no momento?... (tomando-lhe o chapéo) Sente-se por obsequio...

BELMIRO — (sentando-se) Obrigado... Mas a Sra. tambem... faça o favor... fique aqui... Sente-se... Não creio que vá receber uma visita de pé...

SILVINA — (sentando-se junto d'elle) Nunca imaginei que viesse aqui...

BELMIRO — Eu disse...

SILVINA — Mas eu não acreditei... Pensei que estivesse brincando no telephone...

BELMIRO — Se lhe desagrade a visita... posso retirar-me... não quero comprometter-a...

SILVINA — Póde comprometter-me... se sahir agora... os vizinhos sabem que eu estou sosinha... Elles viram quando a creada sahio para ir á cidade... Só voltará logo... mais... A's cinco...

BELMIRO — (animando-se) Está sosinha?... Que feliz acaso... Ha quanto tempo esperava essa oportunidade para dizer-lhe quanto a sua pessoa perturba á minha vida... Não me são da imaginação...

SILVINA — Não diga isso... Não é sincero...

BELMIRO — Nunca supuz que ficasse tão emocionado quando a encontrasse... assim... com liberdade... (pegando-lhe na mão) Veja como estou frio...

SILVINA — Eu tambem...

BELMIRO — (beijando-lhe a mão) Se os meus beijos pudessem aquecê-la...

SILVINA — Não faça isso...

BELMIRO — Deixe-me beijar-a direito...

SILVINA — Como?!... Que faz?... Que horror!... Não vê que eu não posso deixar que me beije no rosto... Não Sur!...

BELMIRO — Que mal tem isso...

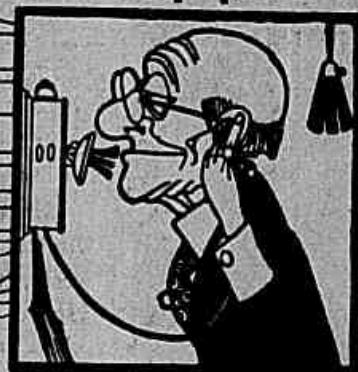
SILVINA — Tem muito...

BELMIRO — Beije-me... então... se não quer que eu a beije...





"POTINS"



Divorcio religioso

O illustre e virtuoso sacerdote, amigo íntimo do casal, fez o que lhe era possível para que o vínculo não fosse desfeito. Brigas violentas, incompatibilidades profundas, foram desfeitas por elle. Mais de uma vez a sua diplomacia christã reconduziu ao lar o esposo fugitivo, agindo da mesma forma quando a linda senhora se ia refugiar na casa da irmã. Ultimamente, porém, a reconciliação se tornára impossível, determinando a separação judiaria. O vigário e amigo achou, porém, com a sua alma de santo, que ainda podia intervir, e interveio. Na sua opinião, o escândalo era evitável. Ficasse tudo em silencio, por uma combinação particular e amigável, que elle se encarregaria de regular a situação de ambos.

Acceitaram, os dois, o alvitre. Leviana, porém, madame informava ás amigas:

— Estou quasi livre, menina.

E explicava:

— Padre Fulano está tratando, já, do meu divórcio religioso!

Mordeduras...

O conhecido capitalista voltou da entrevista com a linda senhora visivelmente contrariado.

(Cont. de LAURO MULLER)

signalar o político fino, subtil, intelligente, manhoso, capaz de embrulhar com um sorriso toda a politica nacional.

Por occasião da guerra com a Allemanha, o povo, em massa, foi ao Cattete saudar o presidente Wenceslau. Ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, que havia assignado a declaração de rompimento, olhava a multidão agglomerada em frente ao palácio, abrigada da chuva que caía sobre centenas de chapéus.

— Povo heroico! — exclamou, de repente.

E com aquella sua ironia mordente, causticante, terrível:

— Declarar guerra com uma chuva d'estas!...

Recentemente, na ultima campanha politica, foi o unico que ficou de fóra. No dia da escolha do candidato Bernardes, adoeceu. Na tarde do reconhecimento d'este, foi vêr Charles Chaplin, no Avenida. No dia da votação do estado de sitio, teve febre de 40 grãos. Um mez antes, Nilo Pecanha mandou-lhe um emissario.

— Diga ao Lauro que eu quero falar com elle. — disse.

O portador foi, e recebeu esta resposta:

— Que é que tem? — indagou o secretario, que é, tambem, amigo do peito.

— «Mordedura», — respondeu o chefe.

— De cobra?

E elle:

— De «cobre»!

A ferida foi de cinco contos.

As que sabem prender...

Durante algum tempo as rodas bohemias notaram na vida do brilhante homem de letras uma certa alteração. Um dia, o caso veio a furo: o illustre literato estava captivo de uma conhecida

mundana, que o retinha nos seus braços morenos ha mais de seis mezes. Submettido a interrogatorio por um amigo, o poeta confessou, então:

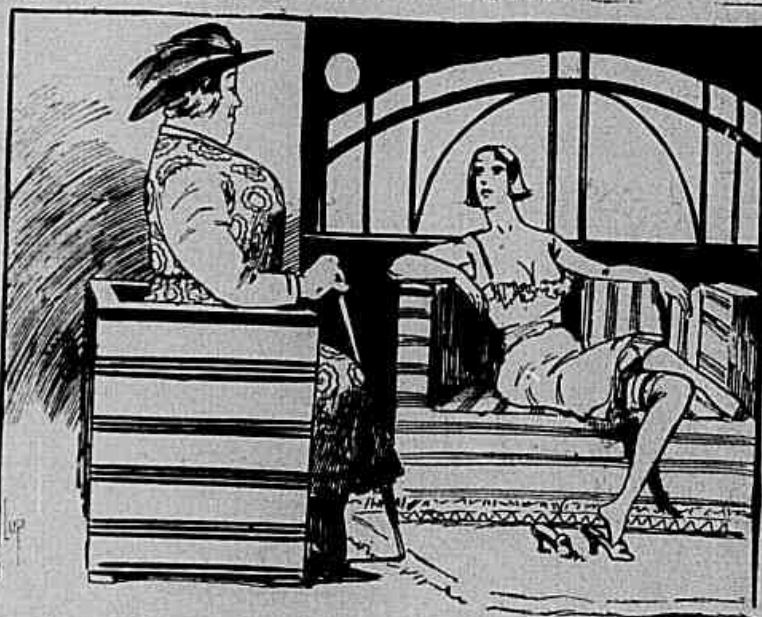
— E' possível que não acredites, mas é pura verdade. Quando eu me casei, amava doidamente minha mulher, que era linda. Ao fim de oito dias, enganava-a, entretanto, miseravelmente, com uma franceza da Gloria. Agora, no entanto, estou em companhia de Fulana, e...

E terminou:

— Sou inteiramente fiel!

E era verdade.

COITADO!...



— A senhora nunca se submetteu a seu marido?

— Nunca! Nas nossas discussões, menina, eu sempre fico de cima!

— Diga ao Nilo que ainda não chegou a hora d'elle falar commigo...

E continuou no seu lugar, entre a orla e o rochedo, mas olhando com sympathia, e ao mesmo tempo com desconfiança, por um e por outro.

Membro da Academia, constitue, alli, sem ser propriamente um literato de profissão, um dos elementos de maior prestigio da casa. Orador pittoresco e impecavel, convence, encanta, seduz. Os seus discursos, repletos de idéas largas e conceitos brilhantes, são joias literarias, em que se revellam, sempre, um grande estadista, um fino espirito, uma bella e inconfundivel organização de homem de letras.

— E' a grande raposa nacional! — dizem os jornaes que o atacam.

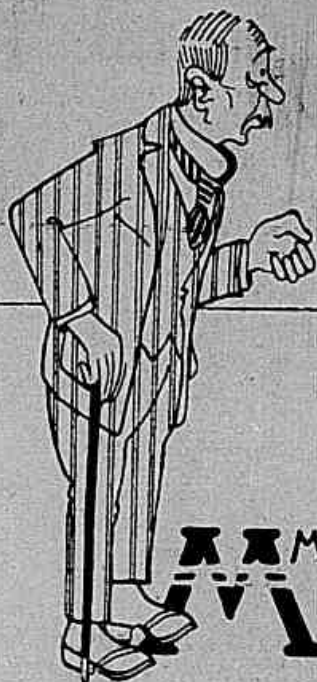
Lauro Muller lê isso, e sorri. E' que elle sabe, na consciencia de si mesmo, que as rapozas diriam, entre ellas, se apparecesse uma acima das outras:

— E' o Lauro Muller de pello e rabo! E a rapoza que tal ouvisse, ficaria, com certeza, desvanecida...

Rodin



CONSULTORIO DE



MME BENEDICTA

CONSELHOS

Minha illustre senhora. — O assumpto que motiva a sua consulta de 10 do corrente é um dos mais delicados que me podiam ser submettidos. Não, sem duvida, pela difficuldade da solução; mas por encerrar materia que, ventilada, fará convergir para mim uma infinidade de antipathias.

Pergunta-me a senhora porque motivo certos homens finos, casados com senhoras chics e pertencentes ás altas rodas mundanas, deixam-n'as de parte, num abandono perigoso, para se irem unir, em amplexo apaixonado, ás mulheres dos outros, ou a simples burguezas sem a menor representação social. Isso lhe parece extravagante, bizarro, inexplicavel, quando é, entretanto, a cousa mais explicavel e natural deste mundo.

Não sei se a minha formosa amiga viu, ha duas ou trez semanas, em um dos nossos cinemas, um «film» intitulado «A deliciosa creadinha». E' a historia de uma creaturinha linda que, disfarçada em creada, consegue arrebatat o coração de um jovem engenheiro americano, comprometido já com uma senhorita de belleza ficticia, que dormia remendada de emplastros, de ligas, de papelotes, que lhe davam durante a noite a feição de um verdadeiro monstro.

A mulher deve ter

sempre em conta a influencia que a sua intimidade exerce sobre o esposo. Se a sua belleza não fôr natural, deve ella evitar que elle a veja na sua «officina», com os seus papelotes, as suas gommas, os seus crêmes, as suas pomadas. E' esse espectaculo horrendo, que leva certos maridos ao abandono da mulher, preferindo a do amigo, que pôde ser mais feia, mas que elle nunca viu emplastrada, a raspar o braço com a «gillette» e a fazer da cabeça revôlta um pequeno taboleiro de rebuçados.

Seja, pois, tanto quanto possivel, ceremoniosa com o seu companheiro. Se a senhora usa de artifícios, não os deixe perceber ao esposo. Seria motivo para que elle, amanhã, a abandonasse por uma outra mulher igualmente artificiosa, mas que elle preferiria, por não lhe patentear, como a senhora, as particularidades do seu rejuvenescimento.

Trate o seu esposo, nesse terreno, como se elle fosse uma visita. Se todas as senhoras comprehendessem assim, não estaria tão desenvolvida, no mundo civilisado, essa triste instituição que é, entre nós, o adulterio elegante.

Sua creada

Mme. Benedicta





SILVINA — Prefiro isso... Ao menos poderei escolher um lugar mais conveniente... (beijando-o na boca) Aqui... (num frisson) oh!... Não devo fazer isso... Não fica bem... Eu sou uma mulher virtuosa...

BELMIRO — Pense apenas no meu amor...

SILVINA — Seu amor é criminoso... não devo pensar nelie...

BELMIRO — (puxando-a pela mão) Conversemos como bons amigos... Venha sentar-se um instante aqui...

SILVINA — Aonde?... Não tem lugar na cadeira...

BELMIRO — No meu cõllo... Venha...

SILVINA — Que loucura!... Não imagine que eu seja uma ingenua... uma inexperiente... Eu sei bem... aonde isso pôde levar... Já fui casada... Sabe... Conheço essas cou-

sas... Não imagine que eu seja uma mocinha sem pratica da vida...

BELMIRO — Que mal faz?... Um instante... Enquanto conversamos como bons camaradas...

SILVINA — Não insista... Já disse que não vou... Se quiser... venha sentar-se no meu collo... Prefiro isso...

BELMIRO — (sentando-se no collo de Silvina e abraçando-se com ella — cobrindo-a de beijos)... Minha Silvina!... Como eu te desejo e te amo... Quero que tu sejas minha... Somente minha... Eu te amo...

SILVINA — (depois de estar um instante abraçada com Belmiro, cobrindo-o de beijos furiosos) Meu Deus!... Que horror!... Eu não tinha visto... Saia!... Saia!... (empurrando Belmiro) Levante-se!... Deixe-me!... Que horror!...

BELMIRO — (espantado) Mas que aconteceu?!...

SILVINA — Aqui... diante do retrato de meu marido... Que horror!... Parece que elle está olhando para mim e me censurando...

BELMIRO — Que tem o retrato?... Não pense nisso...

SILVINA — Não, Snr.!... Andei mal... Que horror!...

BELMIRO — Afinal... não ficaria bem tirar o retrato da sala...

SILVINA — Quem falou em tirar da sala o retrato do meu Alfredo... Pobresinho... A nossa presença aqui... chega a ser uma profanação...

BELMIRO — Aonde iremos... então?... Isto é um disparate... Não podemos ir conversar no meio da rua...

SILVINA — (encaminhando-se para uma porta, á esquerda) Vamos para aqui... E' preferivel... Jamais desrespeitei a memoria de meu marido...

BELMIRO — Pois então... vamos... para lá... Podemos conversar ahi mesmo...

SILVINA — Entre... não repare... o meu quarto está um pouco desarrumado... porque eu estive deitada depois do almoço... Não repare...

ACTO 2.º

SCENA UNICA

(Silvina conduz Belmiro até a porta da rua — vae abria-a, quando elle a abraça, cobrindo-a de beijos.)

SILVINA — Que faz?... Que loucura!... Meu Deus!...

BELMIRO — Meu amor!... Até breve!...

SILVINA — (cobrindo o rosto com as mãos e chorando) Eu devia morrer nesta hora... Devia morrer... Coitado do meu Alfredo... E eu que jurára que seria fiel á sua memoria... (voltando-se para o retrato do marido) Perdoa-me Alfredo... Perdoa-me... Nunca mais... Jurro!... Nunca mais... (para Belmiro) Ainda está ahi?!... Retire-se!... E nunca mais volte nesta casa... Ouvio?...

BELMIRO — Mas... Silvininha... meu amor!...

SILVINA — Retire-se... já disse...

BELMIRO — (sahindo) Pois bem... Eu vou... Não é preciso ficar tão zangada...

SILVINA — Vá de uma vez para sempre... Nunca mais volte aqui... E... olhe!... Outra vez... se quiser... pôde ver-me... mas terá de alugar um quarto... bem longe daqui... e que não tenha vista para o mar...

Jan Richora

Namorados!!!

Deveis ser os primeiros em fazer provar os



A vossas escolhidas.

Não permittais que outras pessoas se antecipem.

PREPARAE-VOS!



RIALTO

O cinema preferido
pelo "Set" carioca

HOJE e AMANHÃ

Ultimas exhibições de

Mulheres Levianas



A SUPER-PRODUÇÃO DE

ASSOCIATED  PRODUCERS

A marca suprema

A seguir, será :

DEVOÇÃO

Principaes interpretes :

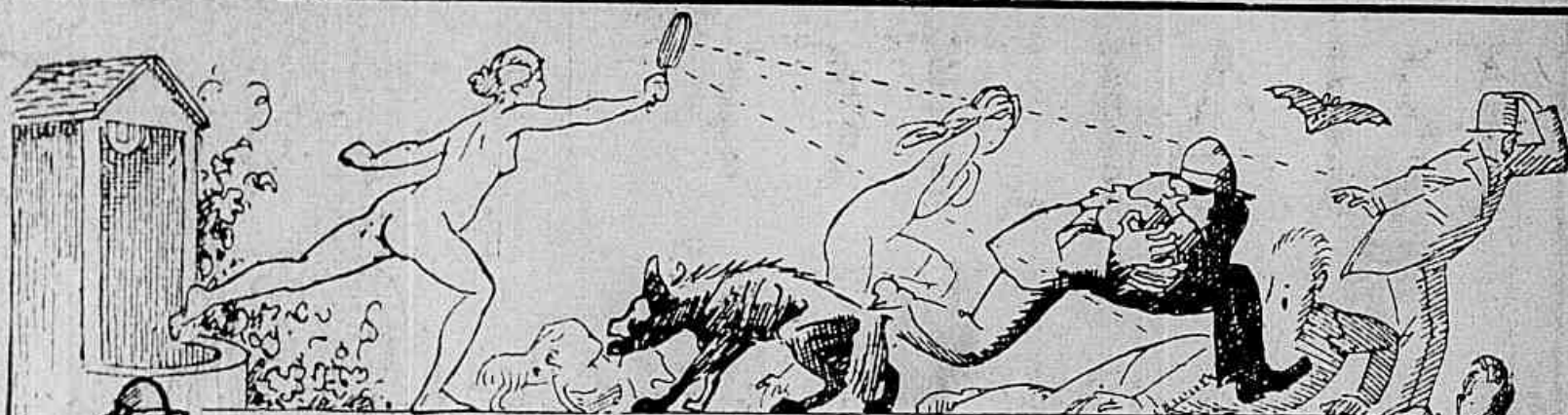
HAZEL DOWN

E

E. K. LINCOLN

Ambientes Luxuosos
Regias Toilets
Interiores de apurado
gosto





POR TRAZ DOS PANNOS

Perfis... dias

I

M.M.

Como começou a sua carreira artistica?
Ninguém sabe.

Nem mesmo o Laffayette Silva, do "Corrêa", que possui, além de um retrato da Doroty Dalton, precida com a actriz Palmira Silva, um completo archivo de c isas de theatro.

João Luso, o critico grisalho e comp tente que as plateas cariccas ouvem com prazer durante os espectaculos, o proprio João Luso, não sabe, tambem, ao certo, como appareceu a interessante guitarrista que é h je, no theatro nacional, Mme. Barbeiro Ananias.

Diz, porem, o Vieira Filho, que tanto se interessa pelas c isas de antanho, que foi numa casa de innocntes "sandwiches" de fiambre, onde a ua voz echoou pela primeira vez, assust ndo, p lo ade ntado da hora, as visinhanças da Avenida Gomes Freire. N sse tempo o joven redactor era repo ter de policia e critico de rte nas horas vagas.

A valante actriz, com a sua voz, conquistou-o, prendeu-o, a elle, ao seu frack e mais um cravo.

Passaram a ser, então, o par mais delicioso da casa do Recreio.

Depois... uma viagem a S. Paulo, um casamento... e desapareceu da circulação aqui, no Rio, a encantadora interprete do "Wiski". E tal vez por is o elle, o brilhante chronista, vae vivendo ora aqui, ora acolá, completamente "wis... quecido!...

Bola... chinha...

Ella, de tão gorda, parece uma bola Tem, entretanto um cavalheiro respeitavel, de nome e posição, que lhe fornece os meios de subsistencia: roupas caras, sedas, etc.

— E é verdade, commentava a actriz Adriana de Noronha, no jardim do Republica — aquillo é que é dar tratos á "bola".

Bis! Couto!

No tempo do Iris, um dos espectadores mais assiduos era o conhecido advogado do nosso fôro, ex-director da Companhia do theatro Recreio.

Frequentava e batia palmas incondicionalmente.

Mas uma noite o illustre discipulo do Dr. Esmeraldino Bandeira esqueceu-se de bater as palmas do estylo, deixando a platêa ouvir a loura actriz murmurar, vestida de bahiana e com a voz "doce": Pede bis, Couto! Pede bis, Couto!...

E... leito...

No camarim oa actriz Mathilde Costa discutiam typos.

— O meu é assim, assim, disse a actriz Celeste.

— E o meu — assegurou a actriz Celia Lenatti, — é baixo, magro e pouco fallador. E o teu?

E a veneranda, resignada:

— Eu? Ah! minha filha; já não faço mais questão "de... eleitos"!...

Fios d'ovos

Aquella meza do Assyrio, na tarde encantadora do chá da S. B. A. T., era composta do que ha de mais distincto no nosso meio theatral. o Cerca, o Mario Nunes, o dr. Fróes, a illustre conediaute e o Rochinha.

A palestra, que versava sobre aventuras galantes, já ia em "meio", quando o Rochinha, notando sobre o collo da gentil artista uns fios compromettedores e escandalosos, indagou, curioso:

— Que é isso?

E o dr. Fróes, brejeiro, fingindo julgar que a pergunta lhe tinha sido dirigida:

— São "fios d'ovos"...

E mastigou, calmamente, os "fios d'ovos" que a actriz lhe offerecia...

Rideau



EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopio, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Precitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2a edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumeras gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2a edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nervos, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezenda, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2a edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patircha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Co-vilscnte, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Allidos, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El ginto Doutorinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente enadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1a parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2a ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaudhos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diggenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Ville de Joseph t, continuação das famosas chronicas do Conselh.iro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000, enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2a edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre..... 13\$000
Numero avulso 8\$00

Capital:

Numero avulso 8\$00
» atrozado 8\$00

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina..... 200\$000	1/8 pagina..... 35\$000
1/2 " 110\$000	Capa a duas côres.... 450\$00
1/4 " 60\$000	" " trez " 600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

LOTERIAS DE S. PAULO

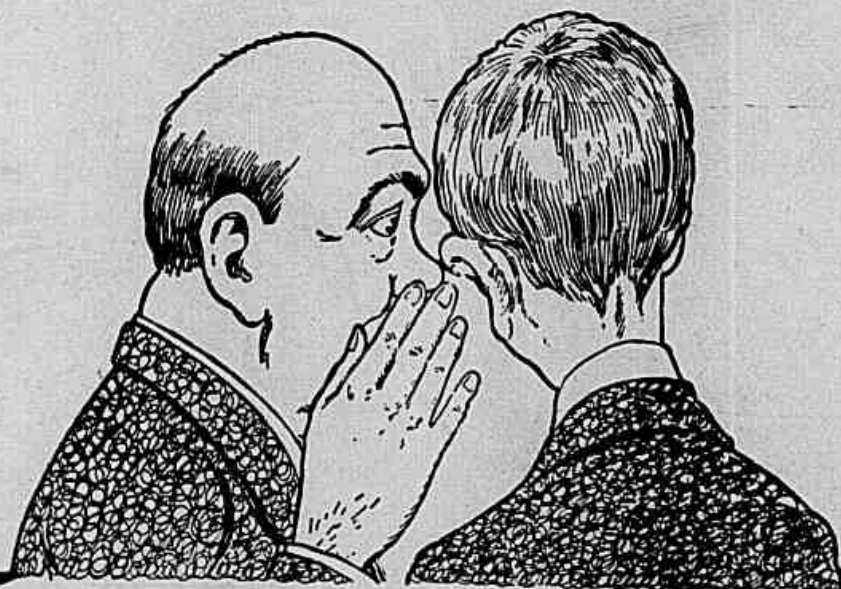
Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

Comprar um bilhete da "Cruz Vermelha" é, além de uma habilitação á sorte, um auxilio á grande Cruzada!



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 — RIO